

**De Frankenthal ao Badensertol: uma viagem pelos nomes alemães dos vales do Caí e seus afluentes, Rio Grande do Sul**

**From Frankenthal to Badensertol: a journey through the German names of the Caí valleys and their tributaries, Rio Grande do Sul**

Fernando Hélio Tavares de Barros  
Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)/ CAPES  
[fernando.helio@unemat.br](mailto:fernando.helio@unemat.br)  
<https://orcid.org/0000-0002-9893-2775>

**Resumo:** Na imensidão da América portuguesa, o Rio Grande do Sul representa um dos poucos lugares que possui um patrimônio toponímico de língua alemã no Novo Mundo. Grande parte dessa riqueza denominativa se deve ao advento da imigração alemã que teve seu início em 1824. Os nomes de lugares em alemão, em sua maioria reproduzida apenas na oralidade, fazem parte de um repertório linguístico ainda pouco documentado e descrito pelos estudiosos da Onomástica e da Germanística brasileira. Esse estudo tem por objetivo apresentar dados recolhidos para o *corpus* do projeto TALERS (Toponímia Alemã do Rio Grande do Sul) relativos à análise de 34 topônimos constituídos pelo nome genérico *Tal* ou *Thal* (em port. vale). A taxonomia adotada para a classificação dos dados é baseada na perspectiva de Dick (1990), uma vez que se trata de um sistema de classificação toponímica adaptado à realidade brasileira. A análise dos topônimos considerados nesse estudo permitiu classificá-los em diferentes classes, sendo que a de antropotopônimos é a mais abundante.

**Palavras-chave:** Vale do Caí; Rio Grande do Sul; Hunsrückisch; Toponímia alemã no Brasil.

**Abstract:** In the vastness of Portuguese America, Rio Grande do Sul is one of the few places in the New World with a German-speaking toponymic heritage. Much of this denominative richness is due to the advent of German immigration that began in 1824. The place names in German, mostly reproduced only orally, are part of a linguistic repertoire that is still poorly documented and described by scholars of Brazilian Onomastics and Germanistics. The aim of this study is to present the data collected for the corpus of the TALERS project (German Toponymy of Rio Grande do Sul) regarding the analysis of 34 toponyms consisting of the generic name *Tal* or *Thal* (in port. vale). The taxonomy adopted for the classification of the data is based on the perspective of Dick (1990), since it is a toponymic classification system adapted to the Brazilian reality. The analysis of the toponyms considered in this study allowed the classification into different classes, with anthropotoponyms being the most abundant.

**Keywords:** Caí Valley; Rio Grande do Sul; Hunsrückisch; German toponymy in Brazil.

## **Introdução**

Entre as montanhas da encosta da Serra Geral do Rio Grande do Sul se encontram vales de diferentes formatos e tamanhos que em boa parte pertencem à Região Colonial de Imigração Alemã (doravante RCIA), em particular, da encosta direita do Rio Jacuí atravessando os vales do Pardo, Pardinho, Taquari, Caí até chegar às margens do Rio dos Sinos. Este estudo se concentra no penúltimo deles, nomeadamente, o vale do Rio Caí.

Essa região de vales profundos, por onde corre o caudaloso Caí, tem substratos culturais formados por camadas subsequentes de assentamento humano. Toda essa história de assentamento produziu no patrimônio toponímico dessa região um tesouro riquíssimo e cheio de fenômenos que revelam casos de toponímia paralela, de fossilização lexical, de arcaísmos e de neologismos advindos de diferentes meios: hibridismos, calques linguísticos, empréstimos, etc.

Apesar da contribuição indígena, portuguesa, italiana e de outras etnias na formação do léxico toponímico local, há um consenso na historiografia de que a chegada de uma quantidade expressiva de imigrantes de fala alemã<sup>1</sup> nessa área geográfica foi um acontecimento histórico que impactou severamente a dinâmica de atribuição de nomes de lugares no vale do Caí.

Diante desse fato, esse estudo se propôs a analisar a toponímia de fala alemã dessa porção geográfica, em particular, 34 topônimos compostos - no sintagma toponímico - pelo nome genérico *Tal* (em port. vale), que, por vezes, se encontram grafados pela variante *Thal*. Para tanto, esse trabalho se utiliza do banco de dados do projeto Toponímia Alemã do Rio Grande do Sul (TALERS)<sup>2</sup> e dos dados orais e iconográficos do ALMA-H.<sup>3</sup>

Esse artigo se encontra estruturado em quatro partes. Primeiramente, se apresenta uma pequena descrição do contexto histórico, linguístico e geográfico da região do vale do Caí. Em seguida, se apresenta alguns conceitos teóricos e os procedimentos metodológicos adotados nesse estudo. Logo após, se apresenta a natureza do *corpus* analisado e uma breve análise do

---

<sup>1</sup> Visto que, na época, a República Federal da Alemanha não existia. Além disso, os imigrantes vieram de várias áreas da Europa germanófonas (austríacos, suíços, luxemburgueses, entre outros).

<sup>2</sup> Banco de dados escritos e orais construídos por meio do trabalho conjunto de três pesquisadores: Lucas Löff Machado (UFPel), Gabriel Schmidt (UFRGS) e Fernando Hélio Tavares de Barros (UFFS/CAPES).

<sup>3</sup> O Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata – Hunsrückisch (ALMA-H) é um projeto coordenado pelos Prof. Cléo V. Altenhofen (UFRGS, Porto Alegre) e Prof. Dr. Harald Thun (CAU, Kiel). Ele tem como propósito realizar uma macroanálise do Hunsrückisch, língua de imigração falada no Brasil e nos alhures de suas fronteiras. O seu *corpus* reúne 128 entrevistas em 41 pontos de inquérito, que, juntas somam em torno de 800 horas de áudio gravado. Para além disso, o ALMA-H possui um abundante banco de etnotextos e iconografias recolhidas em campo.



Conforme Weber *et al.* (1998), a bacia hidrográfica do Caí [ver mapa da fig. 1] tem no total 257,6 km de extensão. Essa medida considera desde suas nascentes até a sua foz, no delta do Rio Jacuí. A referida bacia “abrange uma área de 5.057,25 km<sup>2</sup> e uma população estimada em 383.929 habitantes distribuída em 41 municípios”. (*idem*, 1998: 02). Seus principais afluentes são os Rios Cadeia e Piaí, os arroios Feitoria, Mauá<sup>7</sup>, Maratá, Mineiro e Salvador do Sul.

Alguns de seus afluentes possuem hidrônimos paralelos em alemão como é o caso do Arroio Feliz denominado no Hunsrückisch local de *Kautenbach* [*Kauten*<sup>8</sup> + *Bach* ‘arroio’] e o Arroio das Pedras designado de *Steinbach* [*Stein* ‘pedra’ + *Bach* ‘arroio’{Arroio das Pedras}]. Conforme Barsewisch (1905), *Kautenbach* é um topônimo transplantado referente a um afluente do Mosela nas mediações de Trarbach (Hunsrück). Já *Steinbach*, além de denominar um arroio também nomeia uma localidade no interior de Bom Princípio – RS, o distrito de Arroio das Pedras.

**Figura 2.** Placa de sinalização na localidade de Arroio das Pedras (ale. *Steinbach*)



Fonte: Acervo iconográfico ALMA-H, interior de Bom Princípio – RS.

Antes do início do assentamento de colonos europeus nessa região, já havia no vale do Caí a presença de povos indígenas. Com base na historiografia existente, Proença (2014) afirma que os Ibiraiaras povoaram essa região antes da chegada dos portugueses. Porém, segundo o autor, na literatura se encontra também que *Ibiraiara* era uma das denominações que recebiam os Kaingangs. O que se pode afirmar é que os Kaingangs e os Guaranis são os antigos habitantes das terras banhadas pelo Caí (Proença, 2014). No entanto, para Becker (1976) a presença preponderante era a do povo Kaingang.

<sup>7</sup> Anteriormente denominado de *Forromeco* (Grimm, 1891) ou *Ferromeco* (Faria, 1914). Segundo Grimm (1891), o termo tem origem em *forro* ‘escravo liberto’+ *meco* ‘preguiçoso, indolente’.

<sup>8</sup> De etimologia obscura.

As primeiras concessões de sesmarias das terras baixas do Caí, precisamente na região de Montenegro, se deram por volta de 1738 e 1740. Sant’Anna do Rio dos Sinos, hoje Capela de Santana – RS, situada entre o vale dos Sinos e Caí, foi fundada por portugueses 1738 e é considerada uma das localidades mais antigas da região (Grimm, 1891). É nesse momento que chegam à região muitos portugueses (continentais e ilhéus<sup>9</sup>) e luso-brasileiros (lagunenses<sup>10</sup> e paulistas, em sua maioria). Em 1740, a fazenda do português José Leite de Oliveira, situada à margem esquerda do Caí, é um dos primeiros grandes latifúndios abertos na região. (Kautzmann, 1978).

Esse movimento migratório deixou rastros na toponímia local, como é o caso do topônimo em alemão *Portugieserschneise* [*Portugieser* ‘português’ + *Schneise* ‘picada’ {Picada do português ou dos portugueses<sup>11</sup>}], topônimo paralelo de São José do Hortêncio – RS, que faz referência ao sesmeiro Hotêncio Leite e sua família, antigos proprietários dessas terras em que foram assentados os imigrantes alemães. (Grimm, 1891; Barsewisch, 1905). Cabe mencionar, que o elemento luso traz consigo muitos africanos sob o flagelo da escravidão para trabalhar nas fazendas e habitar essas terras e que também participaram da formação da matriz cultural local.<sup>12</sup>

Com a vinda dos primeiros imigrantes de fala alemã a São Leopoldo, em 1824, e o êxodo que surge nessa região, novas terras são disponibilizadas para acomodar os novos contingentes dessa onda imigratória. É nesse momento que aparece a denominação alemã *Hinterland* para designar toda a encosta da Serra Geral, caracterizada pela *Urwald* (port. mata fechada), que é ocupada, paulatinamente, a partir de 1825 e 1826 no vale do Rio Caí. Entre os imigrantes, uma parte considerável é originária do Hunsrück – cadeia de montanhas situada na Renânia (Alemanha) – que tem em seu nome uma etimologia controversa: ora relacionada às costas de um cachorro [*Hunds* ‘cachorro’ + *Rücken* ‘costas’] (Bahlow, 1965), ora aos hunos, povo que habitava essas montanhas, e, ainda outras especulações existentes (Altenhofen; Morello *et al.*, 2018).

---

<sup>9</sup> Açorianos e madeirenses.

<sup>10</sup> Do litoral de Santa Catarina.

<sup>11</sup> Segundo Barsewisch (1905), os imigrantes alemães, na época, chamavam de *Portugieser* [port. português] a todos os luso-brasileiros de pele branca.

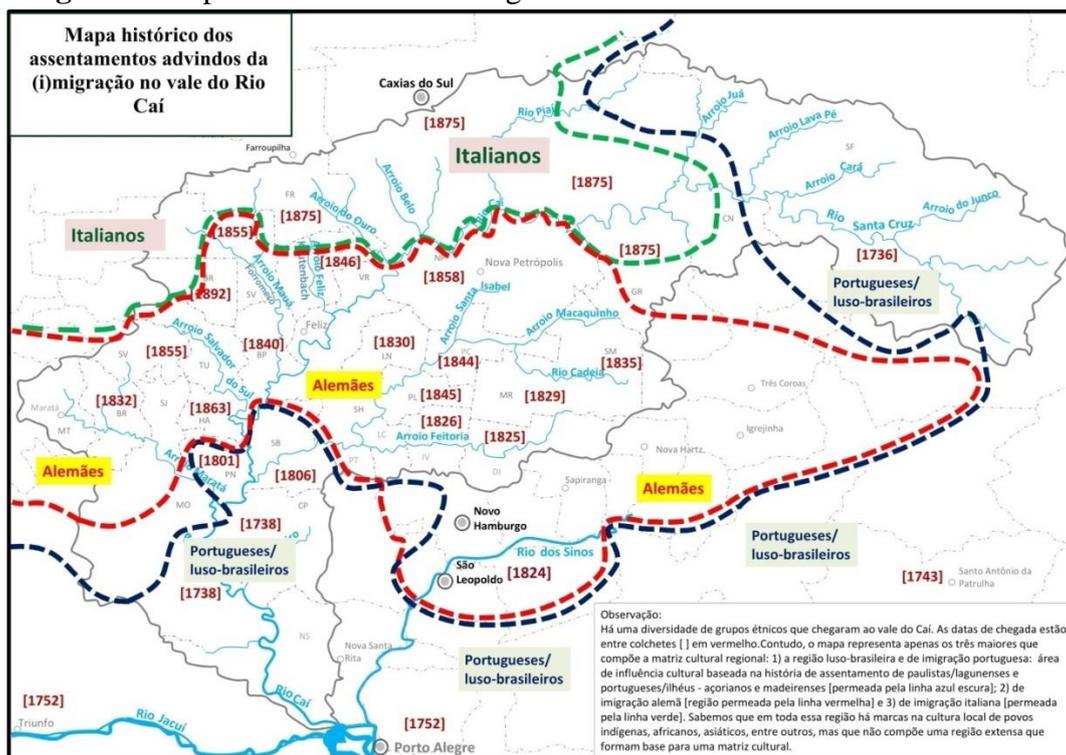
<sup>12</sup> No que tange a contribuição da língua do negro africano no léxico regional do português e alemão falado, pode-se mencionar as lexias *matungo* [de etm. controversa (Lopes, 2006)] e *cabungo*. [do quimbundo *kibungu* (Lopes, 2006)] A primeira para denominar um cavalo velho e a última para designar o banheiro fora de casa, sinônimo de ‘patente’, ‘mictório’. Anteriormente se usava o *cabungo* para um recipiente de madeira que servia para carregar fezes (Schneider, 1991), trabalho feito pelos escravos – os *cabungueiros* (Lopes, 2016). *Cabungo* entrou no português rio-grandense e de lá no Hunsrückisch falado no vale do Caí pelo empréstimo *Kapunge*, também para denominar o banheiro feito fora de casa. Na toponímia local, pode-se mencionar o topônimo *cafundó* [etm. do quimbundo *kufunda* ‘sepultura’, mas posteriormente usado para denominar um ‘lugar distante; situado entre vertentes; onde não há horizonte’ (Lopes, 2006)], ainda presente em mapas de Montenegro-RS de 1959. (Kautzmann, 1978).

Os hunsriqueanos que se estabelecem no vale do Caí vão denominar algumas localidades conforme a origem geográfica de seus vizinhos. Eis que surgem a *Schwabenschneise* [*Schwaben* ‘suábios’ + *Schneise* ‘picada’ {picada dos suábios}]<sup>13</sup>; *Badensertal* [*Baden* ‘badênios’ + *Tal* ‘vale’ {vale dos badênios}]<sup>14</sup>; *Schweizertal* [*Schweizer* ‘suíço’ + *Tal* ‘vale’ {vale do(s) suíço(s)}]<sup>15</sup> e *Bayereck* [*Bayer* ‘bávaro’ + *Eck* ‘canto’, ‘rincão’, ‘recanto’ {rincão dos bávaros}]<sup>16</sup>. Nessa onda, não chegam só alemães, mas também holandeses, franceses, austríacos, belgas e outras nacionalidades.<sup>17</sup>

Com o declínio da imigração alemã, se inicia em 1875 uma nova onda imigratória: a imigração italiana. Os italianos vão ocupar as regiões mais altas do vale do Caí e para além dele, principalmente, a parte superior do vale nas margens do Rio Piaí e seus afluentes. O patrimônio toponímico italiano dessa região já mereceu a atenção de alguns pesquisadores, ver Frosi, Faggion e Dal Corno (2008).

Essas três camadas de assentamento mencionadas podem ser visualizadas no mapa da fig. 3, no qual se representam as datas de fundação das principais localidades do vale do Caí.

**Figura 3.** Mapa do assentamento imigrante no vale do Rio Caí



Fonte: elaborado pelo autor.

<sup>13</sup> Hoje denominada de Travessão (Dois Irmãos – RS).

<sup>14</sup> Denominada em port. de Linha Júlio de Castilho (Tupandi – RS).

<sup>15</sup> Denominada em port. de Vale Suíço (São Vendelino – RS).

<sup>16</sup> Denominada em port. de Canto Bayer (Linha Nova – RS).

<sup>17</sup> Como, por exemplo, os japoneses no interior de Ivoti-RS.

## Aspectos teóricos e contextuais

O léxico é definido na literatura como o inventário, o conjunto de palavras que pertencem à língua, mais precisamente a certo grupo social, à certa região e espaço geográfico ou o utilizado por uma pessoa.<sup>18</sup> Lara (2006) menciona que entre todos os elementos de uma língua, as palavras são as que se relacionam de maneira direta com a experiência do mundo e da vida que “por natureza, variam en el tiempo y en el espacio y dependen de la novedad de cada experiencia humana socialmente compartida”(p.147).

O estudo do léxico toponímico, ou seja, dos nomes de lugares é interesse particular da Onomástica. Essa área de estudos da Lexicologia se interessa pelo estudo dos nomes próprios. Os nomes de pessoas (Antroponomástica) e de lugares (Toponomástica) são seus ramos que mais despertam interesse nesse domínio de investigação. Os nomes de lugares ou topônimos podem nomear acidentes físicos (morros, montanhas, rios, arroios, vales, etc) ou acidentes humanos (estradas, povoados, cidades, fazendas, etc).

**Figura 4.** Mapa da região de imigração alemã no RS



Fonte: elaborado pelo autor com base no IBGE (2010).

Dick (1982) menciona que na formação etno-histórica do Brasil, a existência de estratos populacionais de diferentes origens (indígenas, portugueses, africanos e os de procedência estrangeira) “deixou reflexos diferenciados na língua, nos usos e costumes, nas tradições regionais e, conseqüentemente, na toponímia do país” (p.75).

<sup>18</sup> Traill; Viguera Ávila; Baez Pinal (2005); Levandowski (1982).

No que tange a toponímia do vale do Caí há áreas de ocupação [+] luso-brasileira, outras de ocupação [+] italiana, mas sua maior porção se situa na região colonial conhecida como área de imigração alemã. Essa área colonial alemã faz parte de um espaço geográfico bem maior que inclui vales vizinhos, nomeadamente, o vale dos Sinos, do Taquari, do Pardo, do Pardinho e do Jacuí como se pode ver mapa da fig. 4.<sup>19</sup>

O alemão falado no vale do Caí é caracterizado por linguistas (Koch, 1974; Altenhofen, 2016) como uma *koiné* dialetal que tem por base os dialetos francônicos da região alemã banhada pelo Reno e o Mosela, a Renânia: a variedade francônico-moselana (ale. *Moselfränkisch*) e a francônico-renana (ale. *Rheinfränkisch*).

Essa *koiné* denominada de Hunsrückisch ou *Hunsbucklisch* pelos próprios falantes<sup>20</sup>, além de outras denominações existentes<sup>21</sup>, remonta a região de origem de partida da maior parte dos imigrantes alemães assentados nesse vale: o Hunsrück mental. Esse conceito proposto do Thun e Wilkin (2018) faz referência a uma zona geográfica muito maior que a cadeia de montanhas denominada de Hunsrück. Essa zona inclui a Renânia fronteira com Hessen (ale. *Rheinhessen*), o Sarre (ale. *Saarland*), parte de Lorena (ale. *Lothringen*, fr. *Lorraine*), o Eifel e o leste da Bélgica e de Luxemburgo.

O Hunsrückisch é, portanto, a língua que divide com o português o patrimônio toponímico dessa região colonial do Rio Grande do Sul. Pelo fato de ser uma região bilíngue português/alemão, o Hunsrückisch se encontra numa situação de toponímia paralela. Nesse contexto, o português é a língua de boa parte dos topônimos oficiais e facilmente encontrados em mapas (por ex. os mapas do IBGE). O hunsriqueano, por sua vez, se encontra do outro lado desse paralelismo constituindo os topônimos que não gozam de oficialidade<sup>22</sup>, salvo em situações de relicto ou de expressão de folclorismo.

Nesse estudo se entende por toponímia paralela o fenômeno em que dois ou mais topônimos denominam um mesmo lugar numa situação de coexistência, conforme o entendimento de Dorion e Poirier (1975). O fato de haver variação gráfica ou fonética não constitui precisamente um caso de toponímia paralela, salvo em se tratando de topônimos que estão situados no uso de línguas diferentes. E, no que diz respeito ao contato do Hunsrückisch com o português, esse fenômeno é recorrente. É o caso do topônimo *Laschoode*, usado no

---

<sup>19</sup> Não se trata da única região de imigração alemã do Rio Grande do Sul, mas certamente a mais antiga e extensa em tamanho territorial.

<sup>20</sup> Ver mais sobre em Tavares de Barros (2019).

<sup>21</sup> Entre elas a do português: hunsriqueano. Ver mais em Tavares de Barros (2019) e Habel (2017).

<sup>22</sup> Há exceções, como o caso de alguns topônimos em Morro Reuter-RS e Picada Café-RS que a forma em alemão é a oficial.

Hunsrückisch para se referir à cidade de Lajeado - RS. Esse lusismo germanizado, *Laschoode*, é, em vista disso, a forma toponímica paralela de Lajeado, uma vez que a última é a forma empregada no português.

Documentar a toponímia alemã nesse espaço geográfico é um desafio para o pesquisador, visto que sua microtoponímia é permeada pela oralidade, ou seja, pela língua falada (o Hunsrückisch)<sup>23</sup> e nem sempre está representada em mapas e obras historiográficas. Resumindo, boa parte dessa toponímia de fala alemã está no uso diário do alemão dialetal e na memória coletiva dos hunsriqueanos. Apesar desse desafio na documentação, o TALERS dispõe até o momento de 16 obras que tratam dessa toponímia alemã, além de dados levantados de mapas do IBGE (2010) e uma quantidade pequena de mapas antigos. Como dados complementares, o projeto conta com a consulta aos dados orais do ALMA-H e de idas a campo dos membros do TALERS.

A taxonomia adotada na classificação de cada forma toponímica é a de Dick (1990), uma vez que é a mais adequada à realidade brasileira. Não obstante, se considera para consulta a proposta de Nübling (2012) feita na Alemanha, visto que a região analisada se situa, principalmente, numa intersecção de dois sistemas toponímicos: um permeado pela cultura de fala alemã e outro pela luso-brasileira.

No *corpus* considerado pelo TALERS encontra-se 17 diferentes acidentes físicos e humanos na toponímia de fala alemã da RCIA. Na tabela seguinte, eles se encontram organizados em ordem alfabética e acompanhados de suas respectivas formas do português.

**Tabela 1.** Nomes de acidentes físicos e humanos na toponímia de fala alemã da RCIA

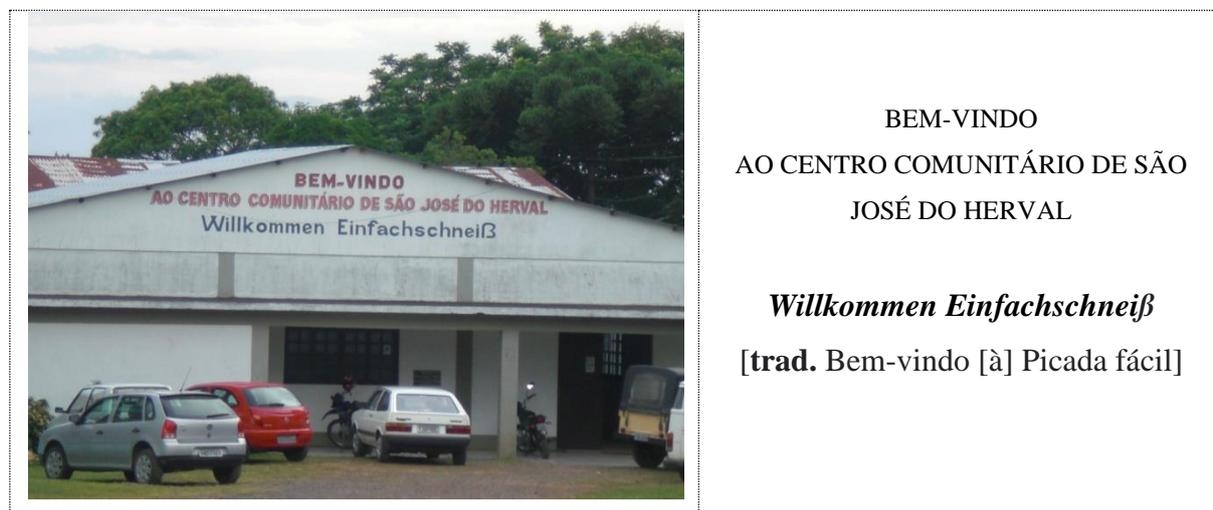
Nomes de acidentes físicos e humanos					
ale.	port.	ale.	port.	ale.	port.
<b><i>Bach</i></b>	Arroio, rio	<b><i>Pick</i></b>	Pique, picada	<b><i>Winkel</i></b>	Esquina, recanto
<b><i>Berg</i></b>	Montanha	<b><i>Pikad</i></b> <b><i>Pikade</i></b> <b><i>Pikoode</i></b>	Picada	<b><i>Viertel</i></b>	Quadra
<b><i>Eck</i></b>	Canto, rincão, recanto	<b><i>Schneise</i></b>	Picada	<b><i>Gasse</i></b>	Beco
<b><i>Hof</i></b>	Pátio, fazenda	<b><i>Stadt</i></b>	Cidade		
<b><i>Land</i></b>	Terra	<b><i>Strasse</i></b>	Rua		
<b><i>Linie</i></b>	Linha	<b><i>Tal</i></b>	Vale		
<b><i>Loch</i></b>	Buraco	<b><i>Wald</i></b>	Mato, floresta		

Fonte: elaborado pelo autor.

<sup>23</sup> Cabe ressaltar que se trata, outrossim, de uma língua de imigração com pouca tradição de escrita.

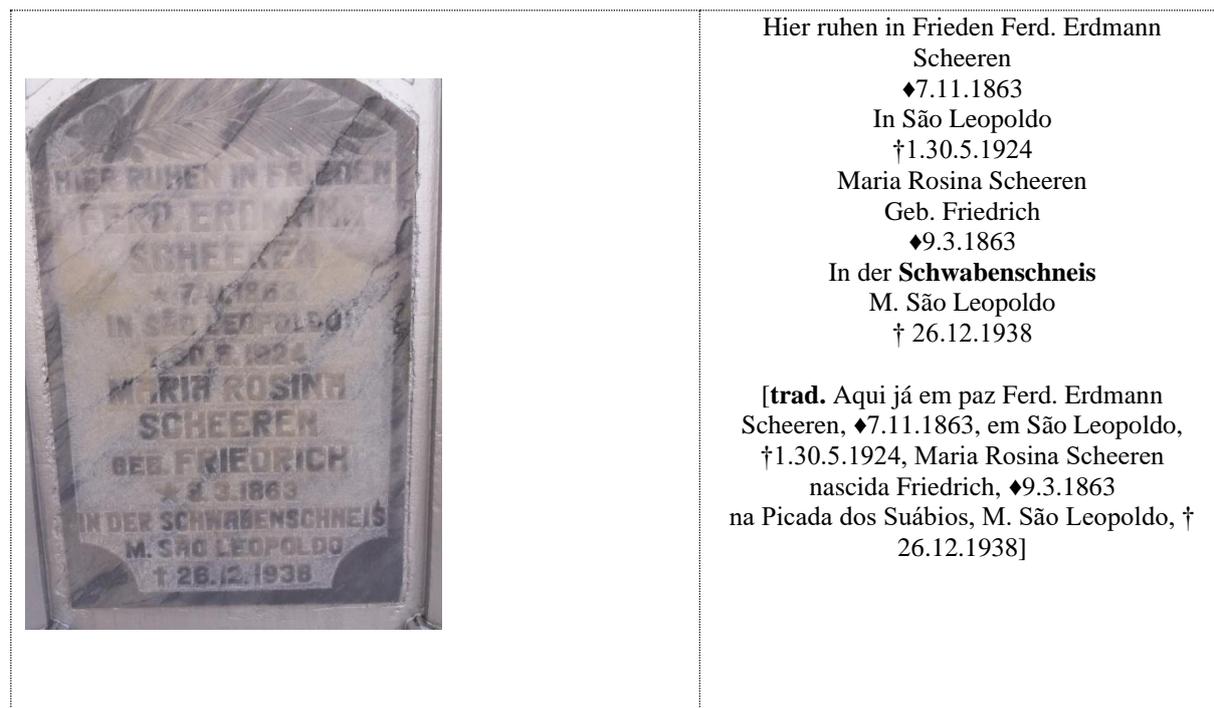
Nem todos os nomes de acidentes de fala alemã na RCIA possuem os seus correspondentes expressos na sua forma paralela do português. É o caso do nome genérico *Tal* no sintagma toponímico *Bohmental* [*Bohnen* ‘topônimo’ + *tal* ‘acidente’] (em Ivoti-RS), sua forma correspondente no português seria *Vale do Feijão* ou *Vale dos Bohnen* [com referência a família *Bohnenberger*]. Contudo, a forma paralela oficial é *Picada Feijão*. No que tange a tradução dos nomes alemães para o português na história regional, há comentários recolhidos em campo que explicam que no período da interdição linguística, no Estado Novo (1937-1945), as traduções foram propositais, ou seja, com o objetivo de apagar a origem alemã do nome. No caso de *Bohmental*, a tradução adotada foi *Picada Feijão*, apesar de que a forma adequada seria o *Vale dos Bohnen*, já que o nome faz referência ao nome da família pioneira.

**Figura 5.** Salão Comunitário da *Einfachschneiß*<sup>24</sup> e lápide com o topônimo *Schwabenschneis*<sup>25</sup>



<sup>24</sup> *Einfachschneiß* é o topônimo paralelo de São José do Herval, esse último é o oficial. Essa localidade pertence ao município de Morro Reuter – RS no vale do Rio Cadeia, afluente do Caí.

<sup>25</sup> Essa lápide cimiterial foi encontrada na localidade Picada Dupla (*Doppelpikode*), município de Estrela-RS [vale do Taquari]. Nela se faz referência ao topônimo *Schwabenschneis* [trad. Picada dos Suábios] localizado na região mais antiga de colonização alemã, no vale do Caí. *Schwabenschneis* é forma paralela da localidade de Travessão, distrito de Dois Irmãos – RS [que outrora pertencia a São Leopoldo-RS]. As lápides cimiteriais no interior do vale do Taquari constituem dados interessantíssimos sobre a toponímia do vale do Caí e Sinos, pois refletem a memória migratória dos (i)migrantes e seus descendentes.



Fonte: acervo iconográfico do Projeto ALMA-H.

Entre os mais ocorrentes na região colonial alemã está o nome de acidente ale. *Schneise* (port. *picada*) e suas variantes gráficas *Schneiß*, *Schneitz*, *Schneiz*, *Schneis(s)*, *Schness*. Como é o caso nos topônimos *Baumschneise*, *Sommerschneise*, *Portugieserschneise*, *Einfachschneise* (ver fig.5), *Schwabenschneise* (ver fig.5), *Kaffeschneise*, entre outros.

A *picada* é entendida como estrada aberta na floresta, onde se constituía a comunidade rural. O nome genérico *Schneise* foi pouco difundido para outras regiões da RCIA, consideradas de assentamento posterior [ver Tavares de Barros, 2019].

Nesse trabalho, a atenção se centra ao nome genérico *Tal* (também grafado *Thal*). Essa palavra do alemão é usada para denominar o acidente físico que se assemelha a um “alongado corte na superfície da terra” (Pfeifer; Braun, 1993: 1409)<sup>26</sup>, o que no português corresponde ao nome genérico ‘vale’. No Hunsrückisch acontece o fenômeno da velarização e alçamento da vogal central [a], fenômeno que resulta na produção da vogal média-baixa posterior. Por essa razão, é possível encontrar em registros escritos em vez da forma *Tal*, a forma *Tol*. Assim também, se procede na transliteração dos comentários dos informantes dessa pesquisa.

Na seção seguinte, se apresenta das formas toponímicas consideradas nesse estudo.

### Apresentação dos dados

No vale do Caí foram encontrados no *corpus* do TALERS um total de 34 topônimos de fala alemã que apresentam em sua estrutura morfológica a forma *Tal*. Com base nas

<sup>26</sup> “langgestreckter Einschnitt in der Erdoberfläche” (Pfeifer; Braun, 1993: 1409).

observações das entradas de alguns dicionários toponímicos (Queirazza *et al.*, 1997; Rolhfs, 1974) e nas valiosas reflexões de Castiglioni (2014) foi criada uma ficha toponímica para cada topônimo, a qual reunia informações tanto de cunho linguístico quanto extralinguístico. Essas informações foram transpostas para esse trabalho em forma de verbete que possui para cada dado um símbolo ou uma abreviatura posto diante da informação. Os verbetes seguem o seguinte modelo:

**Lema.** ●: toponímia paralela. ▼: localização geográfica. ☞: variantes gráficas. Etm.: etimologia. ©: classificação taxonômica. ◆: motivação denominativa. †: denominações anteriores. 🗣️: dados orais: comentários metalinguísticos recolhidos. i.: observações do autor.

No verbete, a classificação taxonômica utiliza a nomenclatura adotada por Dick (1990). No campo de dados orais, são apresentados registros tanto do *corpus* do ALMA-H, quanto de dados recolhidos pelos membros do TALERS em pesquisa de campo. Quando aconteceu de um dos campos não possuir dados, se utilizou o símbolo  $\Theta$  para representar tal fato. Ainda nesse campo, se usa a abreviatura Entrev. para ‘entrevistador’; Info. para informante. Se há mais de um, a abreviatura é seguida por um numeral (ex. info.01; info.02). Além disso, se usa a abreviatura trad. para a tradução do discurso do informador.

A seguir, se encontram os 34 topônimos considerados nesse estudo, organizados em ordem alfabética na tabela seguinte.

**Tabela 2.** Topônimos compostos com o nome genérico *Tal/Thal* no vale do Caí

<p><b>Babylontal.</b> ●: [ale.] <i>Babylon</i>; [port.] Linha Babilônia; Papelonha (IBGE, 2010). ▼: Localidade rural de Tupandi – RS, no vale do Caí. ☞: <math>\Theta</math>. Etm.: <i>Babylon</i> é o nome da cidade do antigo reino da Babilônia, o nome é emprestado do lat. <i>Babylon</i>, que por sua vez tem raízes em <i>Bāb-ili(m)</i> “torre dos deuses” do antigo mesopotâmico (Grimm; Grimm, 1852). ©: Hierotopônimo. ◆: <math>\Theta</math>. †: <math>\Theta</math>. 🗣️: “info. 01 – <i>Babylontol!</i> Info. 02 – <i>Babylon und net Babylontol. Babylon ist Linha Babilônia!</i>” (RS07, CbGI, ALMA-H). Trad. “Info. 01 – <i>Babylontol!</i> Info. 02 – <i>Babylon</i> e não <i>Babylontol. Babylon é a Linha Babilônia!</i>”. i.: Uma informante do ALMA-H comentou sobre uma linha chamada <i>Babylontol</i>, imediatamente, outros dois informantes interferiram e disseram outra forma, <i>Babylon</i>, sem o nome de acidente <i>Tol</i> na formação do sintagma toponímico. Novas coletas de campo poderão averiguar se a forma <i>Babylontol</i> é realmente usada no Hunsrückisch local. A forma <i>Babylon</i> foi encontrada também no texto de Jannasch (1898).</p> <p><b>Badensertal.</b> ●: [port.] Linha Julio de Castilho, ‘Julinho’<sup>27</sup>. ▼: Localidade rural de Tupandi – RS. ☞: <i>Badenserthal</i> (Langhans, 1896). Etm.: <i>Badenser</i> é gentílico para os originários de <i>Baden</i>, estado histórico alemão. No caso, os badênses ou badênios. <i>Baden</i>, por sua vez, acredita-se que tem origem no termo lat. <i>Aquae</i> [port. para onde se pode banhar].<sup>28</sup> ©: Etnotopônimo. ◆: “provavelmente uma homenagem à região de Baden, Alemanha, já que entre os pioneiros que se estabeleceram estavam imigrantes oriundos desta região alemã” (Schneider; Scherer, 2019). “Badensertal” (Barsewisch, 1905; Kadletz, 1937). †: Linha São João (Schneider;</p>
--

<sup>27</sup> “passamos pela comunidade de Linha Julio de Castilhos, popularmente conhecida como “Julinho” (noticiasdosul.com). Link: <https://www.noticiasdosul.com/2020/04/07/conhecendo-bom-principio-passo-selbach-tupandi-e-julio-de-castilhos/> Acesso: 30 de maio de 2023.

<sup>28</sup> “*Aquae*, das im Dt. Dativisch (*ze den*) *Baden* ‘zu den Bädern’ wiedergegeben wird” (Pfeifer; Braun, 1993: 86).

Scherer, 2019). 📍: “*Badensertol ist Julio de Castilhos!*” (CaGI, RS07, ALMA-H). Trad. “*Badensertol é Julio de Castilhos!*” (CaGI, RS07).

**Bananental.** 📍: [port.] Estrada Bananal. ▼: Localidade rural de Feliz-RS, segundo Weissheimer (2010). 📍: 📍: 📍. Etm.: O termo *Banane* [em port. banana] serve para denominar a fruta tropical de cor amarela e de formato alongado. É empréstimo do português no alemão europeu já documentado no séc.16 (Pfeifer; Braun, 1993). ©: Fitotopônimo. 📍: 📍. †: 📍. 📍: 📍.

**Batatental.** 📍: 📍. ▼: Localidade rural de Morro Reuter – RS, no vale do Caí. 📍: Batatental ©: Fitotopônimo. Etm.: *Batate* é empréstimo de hispanismo *batata* no alemão europeu (séc.17). A forma tem raízes em batata da língua taino (Caribe). 📍: Uma possível explicação (hipótese) é que o lugar ficou conhecido pela abundância da produção da batata-doce, por isso *Vale das Batatas*. †: 📍. 📍: 📍. 📍: Ao contrário do que muitos pensam, *Batate* é palavra presente no alemão europeu nas suas diferentes grafias dicionarizadas *Patate*, *Patat* (Müller, 1948-58).

**Birckenthal.** 📍: 📍. ▼: Localidade rural de Morro Reuter – RS, no vale do Caí. 📍: *Bierckenthal*; *Bürckenthal*; *Birkental*. Etm.: *Birken* ou *Bircken* é nome para a família que mora perto de um chamativo *Birken* (port. vedoeiro), árvore européia do gênero *Betula*. Também pode ser de origem toponímica, alguém que vem de lugares chamados *Birk*, *Birka* ou *Birken*. Ou, como terceira opção, uma forma derivada de *Bürk*, antigo sobrenome alemão, *Burkhard* (Kohlheim; Kohlheim, 2005).<sup>29</sup> ©: Antropotopônimo. 📍: Há registros na web da chegada da família *Birk* a essa região que pertencia a Picada Dois Irmãos e que, portanto, é a razão da denominação do local, *Birkental* (o *Vale dos Birk*). Contudo, não se encontrou fontes seguras sobre tal. †: 📍. 📍: 📍. 📍: O topônimo possui uma variação grande na sua grafia. Foram encontradas em anúncios de jornais as variantes *Birckenthal* e *Bierckenthal*, sendo que a primeira igualmente está num mapa disponível no site da prefeitura de Morro Reuter. A variante *Birkental* está num mapa publicado na obra de Petry (1923). A forma *Bürckenthal* estava numa fotografia coletada no banco de dados do ALMA-H.

**Blumenthal.** 📍: Vale das Flores (IBGE, 2010). ▼: Localidade de Bom Princípio – RS, segundo Arendt e Müller (1999) e Schneider e Scherer (2019). 📍: 📍. Etm.: *Blume* (port. flor) tem raízes na forma *bluomo* do antigo alto alemão (ahd.) (Pfeifer; Braun, 1993). ©: Fitotopônimo. 📍: 📍. †: 📍. 📍: 📍. 📍: Faria (1914) menciona um *Blumenthal* como localidade de Montenegro. Não se encontrou outras informações, é bem possível que se trate da mesma localidade registrada por Arendt e Müller (1999).

**Bohmental [01].** 📍: [port.] Picada Feijão. ▼: Localidade rural de Ivoti – RS. 📍: 📍. †: 📍. Etm.: *Bohne*, denominação do alemão para o feijão, tem sua etimologia nebulosa. (Pfeifer; Braun, 1993). A palavra também é nome de família na Alemanha e surge da alcunha humorística atribuída a quem cultiva feijão (Kohlheim; Kohlheim, 2005). ©: Antropotopônimo. 📍: Segundo Bervian e Kreutz (2013: 361) “O nome Bohmental não se deve à produção de feijão, mas deriva do nome da família Bohnenberger, que era uma das pioneiras na localidade”. Portanto, o nome “Picada Feijão” é uma tradução equivocada ou proposital de *Bohmental*, antigo nome da localidade, pelo fato de *Bohnen* significar feijões em alemão. A mesma explicação dá Barsewisch (1905).<sup>30</sup> †: 📍. 📍: 📍.

**Bohmental [02].** 📍: [port.] São Roque. ▼: Localidade rural de Feliz – RS, no vale do Caí. 📍: *Bohnstal* (Rabuske, 1980). Etm.: ver *Bohmental* [01]. ©: Antropotopônimo. 📍: Segundo Rabuske (1980: 404) “Bohmental (ou melhor, Bohnstal) – A palavra Bohnstal significa Vale do(s) Bohn (da família Bohn). O nome luso é São Roque, um lugar no Município de Feliz”. Tal qual diz Weissheimer (2010). †: 📍. 📍: “Dann nach Feliz komme die Pletzche wo mir gefohre sinn, wie *Bohmentol*” (RS08, CbGII, ALMA-H); “*Bohmentol!*” (RS07, CbGI, ALMA-H). Trad. “Então, depois de Feliz vem os lugarejos por onde passamos, como o *Bohmentol!*” (RS08, CbGII, ALMA-H); “*Bohmentol!*” (RS07, CbGI, ALMA-H).

**Frankenthal.** 📍: 📍. ▼: Localidade rural de Morro Reuter – RS. 📍: *Franckenthal*; *Frankental*. Etm.: Os irmãos Grimm (1852) propõe que a forma toponímica tem raízes nos termos lat. *vallis Francorum* (port. “vale

<sup>29</sup> “1. Wohnstättenname für jemanden, der unter Birken bzw. bei einer auffälligen Birke wohnte. 2. Herkunftsname zu Ortsname wie *Birk*, *Birka*, *Birken*. 3. Aus einer entrundeten Form von *Bürk* (*Burkhard*) hervorgegangener Familienname”. (Kohlheim; Kohlheim, 2005: 135).

<sup>30</sup> “Bohmental (erster Ansiedler Bohnenberger)” (Barsewisch, 1905: 140).

dos Francos”), considerando que *Franken* era a denominação dos francos, um povo germânico autóctone. ©: Corotopônimo. ◆: O topônimo pode ter sido motivado por um nome de família, mas também pode ser um caso de topônimo transplantado, visto que há um *Frankental* no Palatinado (Pfalz). Contudo, não se encontrou dados escritos que tratem da motivação desse topônimo. Para o momento, classificou-se como uma forma transplantada. †: Θ. 🇧🇷: Θ. i: O topônimo tem variação em sua grafia, porém a mais ocorrente é *Frankenthal*. **Franzestal.** 🇧🇷:Θ. ▼: Na região próxima de Harmonia. 🇧🇷:Θ. ©: Etnotopônimo. Etm.: Entende-se *Franzes* como variante dialetal do termo do alemão *Franzose* (port. francês), aquele proveniente de *Frankreich* ou *Frankland* (port. França) – a terra dos francos (Pfeiffer; Braun, 1993). ◆: Θ. †: Θ. 🇧🇷: “*Franzestol, Franzesberich*” (RS07, CbGI, ALMA-H). **Trad.** “Vale do(s) Francês(es), Morro do(s) francês(es)”. i: Não se encontrou registros escritos desse topônimo, só a sua presença nos dados orais do ALMA-H, de informantes do ponto RS07 [Harmonia – RS]. O que se encontrou foi o hidrônimo ‘Arroio dos franceses’, arroio paralelo ao Arroio Salvador do Sul, no mapa publicado por Hensel (1867). Todavia, não se sabe se esse hidrônimo possui relação com o *Franzestal*.

**Fugertal.** 🇧🇷: Θ. ▼: Na região de Montenegro-RS, segundo Kadletz (1937). 🇧🇷:Θ. Etm.: Θ. ©:Θ. ◆: Θ. †: Θ. 🇧🇷: Θ. i: Não se sabe onde se situa precisamente esse topônimo, o único registro encontrado é o de Kadletz (1957), que não dá detalhes.

**Hermestal.** 🇧🇷: [port.] Vale dos Hermes. ▼: Localidade rural de Feliz – RS. 🇧🇷: Θ. ©: Antropotopônimo. Etm.: Segundo Kohlheim e Kohlheim (2005), o nome de família *Hermes* é uma forma patronímica do pré-nome *Herm*. Esse por sua vez, na forma *Herms*, é variante paralela de *Harms* (Drosdowski, 1968), que é considerado uma forma curta frísia do pré-nome *Harmen* (*idem*, 1968). ◆: “Hermes é nome de família teuta” (Rabuske, 1980: 404). †: Θ. 🇧🇷: Θ.

**Honigtal.** 🇧🇷: [port.] Vale do Mel. ▼: Localidade rural de Feliz – RS. Θ. ©: Ergotopônimo. Etm.: *Honig*, denominação do alemão para o material doce produzidos pelas abelhas com base no néctar das plantas, tem suas raízes na forma do antigo alto alemão *honag, honeg* (séc. 8) (Pfeifer; Braun, 1993). ◆: Θ. †: Θ. 🇧🇷: “*Honigtol!*” (RS08, CbGI, ALMA-H)

**Jakobstal.** 🇧🇷: Θ. ▼: Picada Café (Fischer, 2005:171). 🇧🇷: Θ. Etm.: *Jakob* é a forma alemã do pré-nome de origem hebraica (Drosdowski, 1968) e bíblica, cujo étimo mais distante é *Ya’aqōbh*, nome do filho de Isacc e Rebecca (De Felice, 1986), com o significado “Deus protegeu”.<sup>31</sup> No português se usa a forma correspondente *Jacó* (Machado, 1984). ©: Hagiopônimo. ◆. †: Θ. 🇧🇷: Θ. i: Há a comunidade São Jacó em Picada Café, mas não há a informação em Fischer (2005) e em outras fontes consultadas de que *Jakobstal* seja o topônimo paralelo de São Jacó em Picada Café. No entanto, Fischer afirma que *Jakobstal* é um lugarejo de Picada Café. Fleck (1994) menciona um *Jakobstal*, mas como forma paralela da comunidade de Picada Jakob em Sapiranga-RS, no vale do Sinos. Portanto, provavelmente, não se trata do mesmo caso.

**Jammerthal.** 🇧🇷: Θ. ▼: Localidade rural de Picada Café – RS. 🇧🇷: *Vammerthal* (IBGE, 2010); *Jammertal*. Etm.: *Jammer* tem raízes na forma do antigo alto alemão (ahd.) *jāmar* que significa “lamento, lamúria, lamentação”. ©: Animotopônimo. ◆: “Se chama *Das Jammertal* (Vale das Lágrimas, Lamúrias ou Misérias). Conta-se que teria sido essa a exclamação de uma colona que, ao voltar à casa da missa dominical, teria dito: - *Jetzt müssen wir wieder in das Jammertal hinunter* (trata-se agora de descermos novamente ao vale de lágrimas” (Rabuske, 1980: 399). Contudo, o diário de um viajante (Hensel, 1867) conta que o nome se deve a uma canção da Guarnição Militar da Mogúncia (ale. *Mainz*) iniciada por “Oh, Jammerthal” que um ex-soldado, morador do Jammerthal, costumava cantar quando voltava bêbado para casa.<sup>32</sup> †: Θ. 🇧🇷: Θ.

**Jeannettental.** 🇧🇷: [port.] Joaneta (IBGE, 2010). ▼: Joaneta, localidade de Picada Café-RS no vale do Cadeia. 🇧🇷: Picada Joanneta (Petry, 1923); *Janethal* (Cardoso, 2007); *Jannettental* (Rabuske, 1999); *Jeannettental* (Barsewisch, 1905); *Jeannette* (Faria, 1914). Etm.: *Joanette* [*Joane* ‘pré-nome’ + *ette* ‘suf. diminutivo’] é forma

<sup>31</sup> “ma probabilmente è un nome teoforico composto con la radice verbale ‘qb’ proteggere’ con il significato di ‘Dio ha protetto’”. (De Felice, 1986: 187).

<sup>32</sup> “Der Name des Thales schreibt sich von einem Spottliede der Mainzer Garnison her, welches mit ‘o Jammerthal’ anfang und einstens hier von einem ehemaligen Soldaten gesungen wurde, als er wahrscheinlich in sehr angeheitertem Zustande aus der Stadt oder der vorderen Pikade nach Hause zurückkehrte” (Hensel, 1867: 263).

hipocorística do pré-nome de origem francesa *Joanne* (Dauzat, 1951), grafada geralmente com duplo ‘n’ [Joanne]. Em alemão, esse prenome aparece também sob a forma *Jeannette* (Drosdowski, 1968), que também tem raízes no francês [*Jeanne* → *Johanna*] (*idem*, 1968). ☉: Antropotopônimo. ♦: Segundo Flores e Flores (1996), a localidade recebe o nome em homenagem à “Joana ou Joaneta Pottlaender”, esposa do agrimensor das terras dessa linha colonial, João de Moraes. Tal qual diz Gomes, Assis e Copstein (s.a.: 154). Já Rabuske (1999) diz que o nome foi atribuído “em atenção de sua padroeira Santa Joana Francisca de Chantal”(p.53). †: Linha do Rio (Barsewisch, 1905). 🇧🇷: ☉. i: O nome oficial da localidade é do português, Joaneta. As denominações em alemão possuem uma grande variação na grafia na literatura consultada. Contudo se adotou a variante mais antiga como lema, a *Jeannetenthal*, registrado por Barsewisch (1905).

**Kronental.** 🇧🇷: [port.] Vale Real. ▼: Sede do município de Vale Real-RS. 🇧🇷: ☉. Etm.: *Krone* é denominação para a jóia real usada na cabeça (port. coroa), a forma tem raízes no antigo alto alemão (ahd.) *corōna*, que por sua vez tem raízes no lat. *corōna*. ☉: Ergotopônimo. ♦: ☉. †: *Pikade Kronental* (Barsewisch, 1905). 🇧🇷: ☉.

**Lichtenthal.** 🇧🇷: ☉. ▼: Localidade rural de Picada Café – RS, no vale do Caí. 🇧🇷: *Lichtental* (Petry, 1923; Rabuske, 1999). Etm.: *Licht* (port. luz) tem suas raízes na forma *lioht* do antigo alto alemão e antigo saxão. (Pfeifer; Braun, 1993). ☉: Antropotopônimo. ♦: Segundo Flores e Flores (1996) o nome da localidade faz referência à imigrante Anna Lichtenthal – nascida em Saar, Alemanha, e esposa de Johann Lesinger – que chegou a Picada Café em 1879. Weber e Hansen (2022) explicam que Ana era costureira e que muitos a visitavam “para costurar peças de roupas, a localidade ficou conhecida pelo fato das pessoas falarem: -‘vamos lá na ‘Lichtenthal’ levar o tecido para ela costurar”(p.43). †: ☉. 🇧🇷: ☉. i: A forma *Lichtenthal* grafada com *Thal* é usada em sites de notícias<sup>33</sup>, no site da prefeitura<sup>34</sup> e no nome da *Sociedade Cultural Onze Amigos de Lichtenthal*. Conclui-se que se trata da variante mais usada na atualidade.

**Muckenthal.** 🇧🇷: ☉. ▼: Localidade rural de Morro Reuter – RS. 🇧🇷: ☉. Etm.: A forma *Muck* e *Mücke*, que tem raízes na forma do antigo alto alemão *mugga*, *mucca* (séc. 8) (Pfeifer; Braun, 1993), é um nome comum da língua alemã para denominar o inseto e suas diferentes variedades que no port. são denominados de ‘mosca’. Como nome próprio, *Muck(e)* e *Mück(e)* são nome de família. Tais formas antroponímicas surgem da alcunha dada às pessoas de mau humor, rabugentas que murmuram em voz baixa (Kohlheim; Kohlheim, 2005). ☉: Zootopônimo. ♦: ☉. †: ☉. 🇧🇷: ☉. i: Se propôs uma classificação conforme a etimologia, visto que não se encontrou dados sobre a motivação do nome.

**Narrental.** 🇧🇷: ☉. ▼: Localidade rural de Gramado-RS. 🇧🇷: ☉. Etm.: *Narr* (port. tolo, bobo, pessoa simplória) é palavra comum do alemão e tem suas raízes na forma *narro* do antigo alto alemão (séc.8), que por sua vez tem origem desconhecida (Pfeifer; Braun, 1993). ☉: Animotopônimo. ♦: “(Vale dos bobos) – Próximo à Linha Brasil, Gramado (AR)” (Fischer, 2005: 175). †: ☉. 🇧🇷: ☉. i: Há uma localidade denominada *Narrental* em Sapiranga-RS, segundo Fleck (1994), aparentemente não se trata da mesma localidade, caso os dados de Fischer (2005) não estejam equivocados.

**Palmental.** 🇧🇷: [port.] Coqueiral. ▼: Localidade rural de Feliz – RS, no vale do Caí. 🇧🇷: ☉. Etm.: *Palme* é a denominação do alemão para a planta subtropical de tronco finos com folhas desfiadas e plumadas (Pfeifer; Braun, 1993), ou seja, a palmeira. A forma tem raízes no lat. *palma*. ☉: Fitotopônimo. ♦: ☉. †: ☉. 🇧🇷: ☉. i: *Palmental* só foi encontrada na obra de Weissheimer (2010), como forma paralela [de fala alemã] da localidade de Coqueiral. Infelizmente, não há dados de sua motivação.

**Petersthal.** 🇧🇷: ☉. ▼: Localidade rural de Bom Princípio-RS, segundo Arendt e Müller (1999). 🇧🇷: ☉. Etm.: De origem bíblica [do lat. *Petrus*] (Guérios, 1994), *Peter* é pré-nome na língua alemã, equivalente a Pedro [no port.], mas também é sobrenome de família, igualmente, na sua forma patronímica *Peters* (Kohlheim; Kohlheim, 2005). ☉: Antropotopônimo. ♦: ☉. †: ☉. 🇧🇷: ☉.

**Riotal** 🇧🇷: ☉. ▼: Próximo a Picada Café-RS. 🇧🇷: ☉. Etm.: Rio tem raízes na forma do lat.vulgar *rīu*, denominação para um curso d’água (Machado, 1977). ☉: Hidrotopônimo. ♦: ☉. †: ☉. 🇧🇷: ☉. i: Segundo

<sup>33</sup> Jornal O Diário: “Colisão no *Lichtenthal* deixa dois feridos em Picada Café”, 02 de Jun. de 2023. Disponível em: <https://odiario.net/noticias/policia/essa-noite-colisao-no-lichtenthal-deixa-dois-feridos-em-picada-cafe/>. Acesso em 13 de jul. de 2023.

<sup>34</sup> Disponível em: [https://www.picadacafe.rs.gov.br/noticias\\_int.php?id=1041](https://www.picadacafe.rs.gov.br/noticias_int.php?id=1041). Acesso em 13 de jul. de 2023.

Rabuske (1980), essa localidade é fruto da extensa Picada Café<sup>35</sup>. Já Kadletz (1937) menciona apenas que, naquela época, *Riotal* se localizava dentro dos limites territoriais do município de São Leopoldo. É possível que *Riotal* seja um nome paralelo para *Jeannettental* (Picada Joaneta), uma vez que Barsewisch (1905) disse que a Picada Joaneta também era conhecida como ‘Linha do Rio’. Cabe mencionar que há um outro topônimo *Riotal* só que na região colonial de Santa Cruz do Sul-RS. Esse, por sua vez, denomina a localidade de Monte Alverne, segundo Müller (1999).

**Rosental.** 🇧🇷: [port.] Linha Nova Baixa (IBGE, 2010). ▼: Localidade rural de Presidente Lucena-RS. 🇩🇪: *Rosenthal*. Etm.: Denominação para o arbusto conhecido por seus espinhos e suas flores de pétalas perfumadas, *Rose* (port. rosa) tem raízes na forma *rosa* do alto alemão antigo (séc.9), essa por sua vez do lat. *rosa*. (Pfeifer; Braun, 1993). ©: Fitotopônimo. 💎: 🇩🇪. “a Linha Nova Baixa, também chamada Rosenthal” (Cardoso, 2007: 106). †: 🇩🇪. 🇧🇷: 🇩🇪. i.: O topônimo foi registrado com a grafia *Rosenthal* nas obras de Basílio Becker (1976) e Cardoso (2007). Já Barsewisch (1905) o registrou como *Rosental*. A única fonte que aponta *Rosenthal* como topônimo paralelo de *Linha Nova Baixa* é a de Cardoso (2007).

**Schauerthal.** 🇧🇷: [port.] Linha Griebeler; Linha Griebler (IBGE, 2020). ▼: Localidade rural de São Vendelino-RS. 🇩🇪: 🇩🇪. Etm.: Como nome de família, *Schauer* é denominação para quem tinha como atividade inspecionar, olhar e observar algo (Kohlheim; Kohlheim, 2005). ©: Antropotopônimo. 💎: Não se encontrou explicações para o nome, mas é provável que tenha origem antroponímica: o vale dos Schauer. †: 🇩🇪. 🇧🇷: 🇩🇪. i.: “Info. - *Das heißt uf Deutsch, tut mir hier das Platz immer Schauertol! Entrev. - Das betrifft Linha Grie.. Info. - Ja, das betrifft Linha Griebeler, gel, das ist in Munizipt Sankt Wendel*” [RS08, CbGII]. Trad. “Info. – Em alemão, nós chamamos esse lugar aqui sempre de *Schauerthal!* Entrev. – Isso se refere a Linha Grie.. Info.- Sim, isso se refere à Linha Griebeler, né, isso é no município de São Vendelino” [RS08, CbGII]. i.: O nome paralelo em português se encontra grafado como Linha Griebler, nos mapas do IBGE (2010;2020) e Linha Griebeler nos documentos oficiais da Prefeitura de São Vendelino-RS.

**Schneiderstal.** 🇧🇷: [port.] Picada Schneider. ▼: Localidade rural de Presidente Lucena – RS. 🇩🇪: *Schneiderthal* (Faria, 1914; Cardoso, 2007). Etm.: Nome de família com raízes na palavra *schneiden* (port. cortar) (Pfeifer; Braun, 1993) e que faz referencia a uma profissão. *Schneider* seria, originalmente, o comerciante de tecidos, e, depois, passou a ser o costureiro (Kolheim; Kohlheim, 2005). ©: Antropotopônimo. 💎: O vale dos Schneider (Barsewisch, 1905).<sup>36</sup> †: 🇩🇪. 🇧🇷: 🇩🇪. i.: *Schneidertal* grafado com *Tal* se encontra nas obras de Barsewisch (1905) e Rabuske (1980). Como não se tem a informação qual grafia é usada na atualidade e se o topônimo *Schneiderthal* existe na paisagem linguística da localidade, optou-se pela grafia *Schneidertal*.

**Schwarzertal.** 🇧🇷: 🇩🇪. ▼: Linha colonial no município de Montenegro – RS (Faria, 1914; Fischer, 2005; Arendt; Müller, 1999). 🇩🇪: *Schwartzertal* (Fischer, 2005); *Schwazertal* (Arendt; Müller, 1999); *Schwertzertal* (Faria, 1914). Etm.: A forma *schwarz* é nome comum na língua alemã e significa ‘cor escura, preto’ (Pfeifer; Braun, 1993). Como nome de família, se encontra a forma com a grafia *Schwartz*, e também *Schwarz*. Para Kohlheim e Kohlheim (2005), o sobrenome surge da alcunha empregada para pessoas de cabelo preto.<sup>37</sup> ©: Antropotopônimo. 💎: Fischer propõe ‘Vale Negro’ como tradução do topônimo. Contudo, é bem possível que alguma família Schwartz deu nome ao lugar, mas ainda não se tem disponível esse dado. †: 🇩🇪. 🇧🇷: 🇩🇪. i.: A grafia *Schwertzertal* é a encontrada em Faria (1914). Fischer (2005) menciona o topônimo *Schwartzertal* e diz que tal qual está registrado em Faria (1914). Contudo, não se encontrou essa grafia na referida obra de Faria (1914). Apesar disso, é possível que *Schwetzertal* e *Schwarzertal* façam referência ao mesmo topônimo. No que tange a localização exata do topônimo, não se encontrou maiores informações a não ser a dada pelos autores consultados, de que se trata de uma localidade de Montenegro. Não obstante, esse dado vindo de Faria (1914) é de um tempo em que Montenegro era um município de grande extensão e que incluía territórios de muitos municípios que hoje são emancipados.

<sup>35</sup> “criando da extensa Picada Café [18], quatro novas picadas, a saber: o **Bohmental**, o Schneiderstal, Holland e Riotal” (Rabuske, 1980, p.400).

<sup>36</sup> “Schneiderstal (von der familie Schneider besidelt)” (Barsewisch, 1905: 140).

<sup>37</sup> “Übernamen zu mhd. *swarz* >schwarz, dunkelfarbig< als Anspielung auf die Haarfarbe des ersten Namensträgers” (Kohlheim; Kohlheim, 2005: 609).

**Schleppgrastal.** 🇧🇷: 🇪🇹. ▼: Localidade de Nova Petrópolis. 🇧🇷: 🇪🇹. Etm.: *Schlepp-gras* é a denominação para a espécie de capim *Triticum repens* L. (Müller, 1948-1958). 🇧🇷: Fitotopônimo. 🇧🇷: 🇪🇹. †: 🇪🇹. 🇧🇷: “Isso é lá no Pinhal Alto! Tu entra pro Pinhal, aí, quando passou, agora tem uma floricultura, aí, tu entra para a esquerda. Lá é *Schleppgrastal*”.[info. de Nova Petrópolis – dados de áudio gravado por Gabriel Schmitt]. “Onde é que a gente mora, aqui, na entrada das nove colônias, é *Schleppgrastal* mesmo.” [info. de Nova Petrópolis – dados de áudio gravado por Lucas Löff Machado]. 🇧🇷: *Schleppgrastal* é um caso de topônimo que só temos registro em dados orais.

**Schweizertal.** 🇧🇷: [port.] Vale Suíço (IBGE, 2010) ▼: Localidade rural de São Vendelino – RS. 🇧🇷: 🇪🇹. Etm.: *Schweizer* é gentílico, ou seja, palavra que identifica os habitantes da Suíça (ale. *Schweiz*) (Kluge, 1989). 🇧🇷: Etnotopônimo. 🇧🇷: A forma foi registrada por Barsewisch (1905) e Fischer (2005), mas não há comentários sobre a sua motivação. †: 🇪🇹. 🇧🇷: “Info. - *Schweizertal ist aber in Munizipt Sankt Wendel auch! Entrev. – Wie heißt das uf bresilionisch? Info. – Vale Suíço!*” [RS08, CbGII, ALMA-H]. **trad.** “Info. – *Schweizertal* é no município de São Vendelino também! Entrv. – Como se chama [esse lugar] em português? Info. – Vale Suíço!” [RS08, CbGII, ALMA-H]. 🇧🇷: o topônimo oficial da localidade é o do português - Vale Suíço - presente nos mapas do IBGE e da prefeitura de São Vendelino.

**Tabakstal.** 🇧🇷: [port.] Picada Cará. ▼: Localidade rural de Feliz – RS. 🇧🇷: *Tabackstal* (Weissheimer, 2010). Etm.: Denominação da planta originária da América, conhecida pela presença de nicotina em suas folhas. Para Corominas (1954) a origem da palavra para denominar tal planta é incerta. No alemão, a palavra foi integrada na primeira metade do séc. 17, sob as formas *Taback* e *Tabak* (Pfeifer; Braun, 1993). 🇧🇷: Fitotopônimo. 🇧🇷: *Tabakstal* (port. Vale do Tabaco), pois no começo da história da picada havia uma pequena plantação de tabaco (Barsewisch, 1905). †: Linha Temeraria (Barsewisch, 1905). 🇧🇷: 🇪🇹.

**Tigertal [1].** 🇧🇷: [port.] Arroio Jaguar; Estrada Vale do Tigre (IBGE, 2010). ▼: Localidade rural de Alto Feliz – RS. 🇧🇷: 🇪🇹. Etm.: *Tiger*, forma curta de *tigirtior* do antigo alto alemão [ahd.] (séc.17) (Pfeifer; Braun, 1993), é a denominação para o felino que em português é denominado de tigre. 🇧🇷: Zootopônimo. 🇧🇷: Segundo Ruschel (2017), o nome se deve ao fato de um soldado da expedição contra os indígenas kaingang ter matado uma onça (tigre) nesse vale. Sabe-se que os colonos alemães a chamavam de *Tiger*, assim como explica Engelmann (2004: 493) sobre topônimo de mesmo nome na região de Taquara-RS. Contudo, o uso da palavra tigre para denominar a onça não seria apenas um neologismo do imigrante alemão. Sabe-se que a palavra já era usada pelos luso-brasileiros para denominar a onça, assim como é mencionado no glossário do português gaúcho de João Mendes da Silva (Hessel, 1959: 31). †: 🇪🇹. 🇧🇷: “*Entrev. - Arroio Jaguar ist Tigertal? Info. - Isto!*” (RS08, CbGII, ALMA-H); **trad.** “*Entrev. Arroio Jaguar é Tigertal? Info. – Isto!*” (RS08, CbGII, ALMA-H); “*die mãe hot viel verzeehlt, der Luis Buger hier, né, hier in Tigertal*” (RS08, CaGII, ALMA-H); **trad.** “a mãe falou muito do Luiz bugre aqui, né, aqui no *Tigertal*” (RS08, CaGII, ALMA-H).

**Tigertal [2].** 🇧🇷: [port.] Linha Tigre. ▼: Localidade rural de Brochier – RS, no vale do Caí (Kautzmann, 1978). 🇧🇷: *Tigertal* (Kautzmann, 1978). Etm.: ver explicação de *Tigertal* [1]. 🇧🇷: Zootopônimo. 🇧🇷: ver explicação de *Tigertal* [1]; “*Tigertal*’ passou a ser Linha Tigre” (Rev. Brochier: 10, 1995). †: 🇪🇹. 🇧🇷: 🇪🇹.

**Trappental.** 🇧🇷: [port.] Linha Floriano Peixoto. ▼: Localidade rural de Alto Feliz – RS, no vale do Caí. 🇧🇷: *Trappenthal* (Arendt; Müller, 1999). Etm.: 🇪🇹. 🇧🇷: Sociotopônimo. 🇧🇷: *Trappental* foi registrado por Arendt e Müller (1999), mas foi Fischer (2005) que traduziu *Trappental* como ‘vale dos labregos’. *Labrego* é um termo do português para denominar pessoas da zona rural que trabalham e vivem da terra; o termo tem conotação depreciativa: “pessoa rude, sem educação, grosseira” (Casteleiro *et al.*, 2001: 2210). No entanto, não se encontrou nos dicionários da língua alemã dialetal esse sentido para a forma *Trappe*. Cabe mencionar ainda que existe um *Trappental* nas mediações de Lambrecht com Ramberg na região da Pfälzerwald (Renânia-Palatinado, Alemanha) dentro do Hunsrück mental. Contudo, faltam informações para afirmar que seria um caso de topônimo transplantado, ou seja, um corotopônimo. †: 🇪🇹. 🇧🇷: “*riber die Kerich, riber reen dann ist es Trappental, Linha Floreano Peixoto*” (RS08, CbGII, ALMA-H); **trad.** “para cima da igreja, para adiante, então, é o *Trappental*, Linha Floriano Peixoto” (RS08, CbGII, ALMA-H).

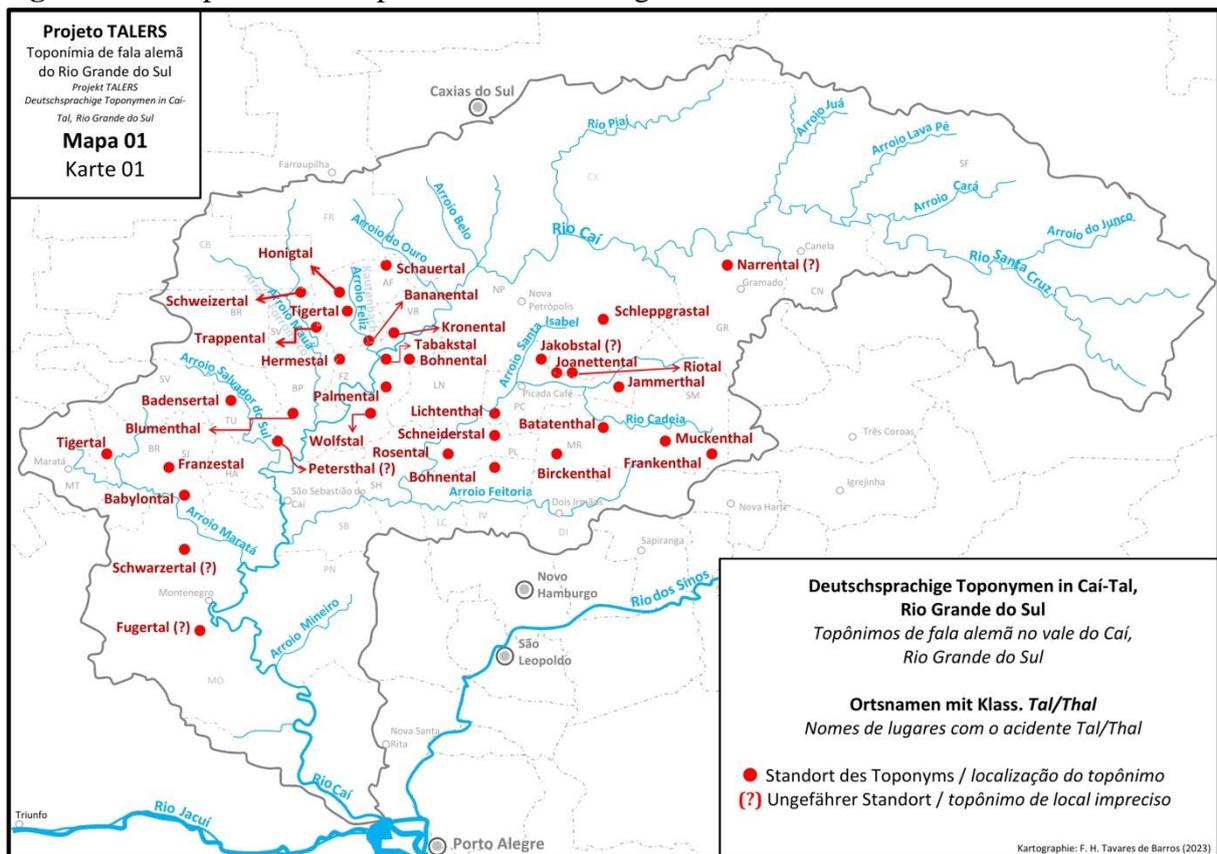
**Wolfstal.** 🇧🇷: [port.] Estrada Vale do Lobo (IBGE, 2010). ▼: Localidade rural de Feliz – RS, no vale do Caí. 🇧🇷: 🇪🇹. Etm.: *Wolf*, denominação alemã para o felino que em port. é designado de lobo. A forma *Wolf* é

igualmente nome de família com raízes na alcunha dada às pessoas de caráter perigoso e truculento (Kohlheim; Kohlheim, 2005). ©: Antropotopônimo. ◆: Se deve ao fato que o primeiro morador tinha o sobrenome *Wolf* (Barsewisch, 1905). †: Θ. 🐺: Θ.

## Análise dos dados

Os 34 topônimos foram cartografados no mapa presente na fig. 6 e teve por modelo a base cartográfica (1:25.000) do Departamento de Recursos Hídricos e Saneamento do Rio Grande do Sul (DRHS). As formas toponímicas estão representadas com um símbolo hachurado em vermelho. Elas foram dispostas conforme a localização dos seus topônimos paralelos encontrados nos mapas do IBGE (2010) ou conforme o que a literatura consultada informava. Nesse último caso, muitos topônimos foram colocados com um ponto de interrogação entre parênteses ao lado (?), isso para informar ao leitor que, por diversos motivos<sup>38</sup>, não se sabe da localização exata da designação geográfica.

**Figura 6.** Os topônimos compostos com o nome genérico *Tal/Thal* no vale do Rio Caí



Fonte: elaborado pelo autor

<sup>38</sup> Há casos em que o topônimo de fala alemã foi registrado por viajantes de um tempo pretérito em que a configuração política dos municípios eram outras, e que, portanto, dificultam situá-lo na contemporaneidade. Barsewisch (1905), por exemplo, mencionou vários topônimos como pertencentes aos municípios de São Leopoldo e Montenegro, mas que hoje não pertencem mais a esses territórios político-administrativos.



grafadas apenas por ‘t’. Dessa forma, *Thal* (port. vale) passou a ser escrito como *Tal*; *Thür* (port. porta) como *Tür*; *Thon* (port. tom, som) como *Ton*, e assim por diante. O que explicaria essa manutenção? Seria uma expressão da cultura da repetição da escrita desses topônimos na prática de escrita e da memória coletiva da comunidade regional ou local? A interrupção do ensino da língua alemã na década de 1940 influenciou na manutenção desse conhecimento das regras de escrita da língua alemã na comunidade local?

**Figura 8.** Topônimos com o grafema *Thal*



- 1) *Muckenthal* (fonte: O Diário);
- 02) *Birkenthal* (fonte: O Diário);
- 03) *Bürckenthal*;
- 04) *Franckenthal* (fonte: O Diário);
- 05) *Jammerthal* (fonte: O Diário);
- 06) *Lichtenthal* (fonte: O Diário);
- 07) *Batatenthal* (fonte: site de empresa imobiliária);
- 08) *Batatenthal* (fonte: acervo ALMA-H);
- 09) *Frankenthal* (fonte: acervo ALMA-H);
- 10) *Franckenthal* (fonte: O Diário).

Respostas concretas para tais perguntas não há, mas há evidências de que se trata de uma cultura da repetição da escrita e que a lenta adoção das regras de uma reforma ortográfica no hábito de escrita de uma comunidade que, por sua vez, se encontra num contexto de diáspora. Contudo, não se encontrou pesquisas que tratam desse assunto. Na Alemanha, há topônimos como *Frankenthal* (Renânia-Palatinado, ale. Rheinland-Pfalz), *Klarenthal* (Sarre, ale. Saarland) e *Ernstthal* (Saxônia, ale. Sachsen) que mantêm a grafia mais arcaica do nome. Certamente, também por motivos de tradição de escrita.

No momento, o que se pode constatar é que esse uso do grafema ‘th’ existe e está presente em vários domínios da escrituralidade (imprensa, placas, cartazes, etc.) dessa região, assim como mostram as imagens da fig. 8. No caso de *Lichtenthal*, é compreensível a manutenção do ‘th’, uma vez que o topônimo tem suas raízes num nome de família.

No que tange a categorização dos topônimos, foram classificados 12 antropotopônimos, 7 fitotopônimos, 3 etnotopônimos, 3 zootopônimos, 2 ergotopônimos, 2 animotopônimos, 1 corotopônimo, 1 sociotopônimo, 1 hierotopônimo e 1 hidrotopônimo. Há 1 topônimo que ficou sem classificação, pois não foi possível saber da motivação ou da etimologia da forma. A disposição dessa classificação pode ser vista na tabela abaixo.

**Tabela 3.** classificação dos topônimos compostos pelo nome genérico *Tal/Thal*

Classificação	topônimos
Antropotopônimo	<i>Birckenthal; Bohnental[01]; Bohnental[02]; Hermestal; Jakobstal; Jeannettenthal; Lichtenthal; Petersthal; Schauertal; Schneidertal; Schwarzertal, Wolfstal</i>
Fitotopônimo	<i>Bananental; Batatenthal; Blumenthal; Palmental; Rosental; Schlepgrastal; Tabakstal</i>
Etnotopônimo	<i>Badensertal; Franzestal; Schweizertal</i>
Zootopônimo	<i>Muckenthal; Tigertal[01]; Tigertal[02]</i>
Ergotopônimo	<i>Honigtal; Kronental</i>
Animotopônimo	<i>Jammerthal; Narrental</i>
Corotopônimo	<i>Frankenthal</i>
Sociotopônimo	<i>Trappental</i>
Hierotopônimo	<i>Babylontal</i>
Hidrotopônimo	<i>Riotal</i>
Sem classificação	<i>Fugertal</i>

Fonte: elaborado pelo autor

No que tange a classificação dos topônimos algumas observações precisam ser feitas. Alguns poderiam ser classificados por mais de uma taxa, conforme a taxionomia de Dick (1990). É o caso de *Babylontal*, uma vez que *Babylon* (port. Babilônia) designava uma cidade na antiga Mesopotâmia. Em virtude disso, o topônimo poderia ser classificado como corotopônimo. Contudo, o fato de se tratar de uma cidade bíblica, e provavelmente vem daí a

motivação do topônimo alemão da localidade de Linha Babilônia (*Babylontal*). Dessa forma, optou-se por classificá-lo como hierotopônimo.

Os dois topônimos denominados de *Bohmental*, forma paralela de Picada Feijão no interior de Ivoti – RS e da localidade de São Roque em Feliz - RS, a primeira vista poderiam ser classificados como fitotopônimos. Contudo, a literatura diz que o nome tem origem num nome de família, e por essa razão a taxa mais adequada para os dois casos é a de antropotopônimo.

Alguns topônimos revelam elementos da natureza local, como é o caso de *Palmental* [*Palmen* ‘palmeira’ + *tal* ‘vale’ {Vale das Palmeiras / Coqueiros}] e *Tigertal* [*Tiger* ‘tigre’ + *tal* ‘vale’ {Vale do Tigre}]. Esse último, a tradução correta seria ‘Vale da Onça’, uma vez que tanto no português gaúcho, quanto no Hunsrückisch esse felino é conhecido pelo termo ‘tigre’ (Hessel, 1959). Há outros topônimos com o nome *Tiger* (port. tigre) na grande região colonial alemã, como a localidade de *Tigertal* em Igrejinha-RS (vale do Sinos) (Engelmann, 2004) e o *Tigerbach* [*Tiger* ‘tigre’ + *bach* ‘arroio’ {Arroio do Tigre}] que nomeia um arroio e uma localidade rural na região de Santa Cruz (Müller, 1999).

Outro aspecto que desperta interesse é o termo específico que compõe o nome de lugar *Batatenthal* [*Bataten* ‘batata’ + *thal* ‘vale’ {Vale das Batatas ou Vale da Batata}], ou seja, *batata*. É conhecida na literatura e na etnografia do Rio Grande do Sul a relação que os povos regionais fazem dos colonos alemães com o consumo desse tubérculo. Costume expresso, principalmente, em festivais e eventos que enaltecem o valor desse alimento no cotidiano dos alemães brasileiros do vale do Caí, como é caso da Kartoffelfest [port. Festa da batata] (fig. 9) e seu tradicional ‘bolinho de batata’. Além disso, no forte cultivo desse tubérculo em algumas localidades da colônia alemã, como é o caso da *Schwabenschneise* (port. “Picada dos Suábios”) que está nos registros do viajante Lacmann (1906).<sup>39</sup> A batata não é originária da Europa, mas foi levada da América andina para lá já no séc. XVI, e só foi integrada à cultura europeia no séc. XVIII (von Mueller, 1905). O termo *Batate* é usado no Hunsrückisch, geralmente, para se referir à batata-doce (bot. *Ipomea batatas*).<sup>40</sup> Contudo, *Batate* ou *Patate*, como se encontra registrado em Müller (1948), podem ser usados na língua alemã dialetal (da Renânia) como sinônimos de *Kartoffel* e *Grundbeere*<sup>41</sup>, ou seja, término para a batata-inglesa (bot. *Solanum tuberosum*).

---

<sup>39</sup> “Kartoffeln werden in größeren Mengen in der Schwabenschneiz (São Leopoldo) [...] gepflanzt” (Lacmann, 1906: 189).

<sup>40</sup> Ver Tavares de Barros (2019).

<sup>41</sup> Forma dialetal de *Grundbirne* [port. ‘Pêra da terra’], palavra sinônima de *Kartoffel*.

O que se sabe, portanto, é que a batata era alimento conhecido pelos imigrantes alemães antes de chegarem ao Brasil e de tão apreciado e presente no hábito alimentar deles passaram a serem identificados pelos luso-brasileiros e demais grupos étnicos como assíduos comedores de batata. Desse contexto que surge a alcunha coletiva ‘alemão-batata’ (AR02; SC05; PR02 – ALMA-H) para todos os teuto-brasileiros e a rimada (fr. *rimaille*) “alemão-batata come queijo com barata” (PR02, ALMA-H). Ambas as expressões empregadas em situações de humor cruel e preconceito.

**Figura 9.** A Festa da Batata em *Teewald* (Santa Maria do Herval – RS)



Fonte: Prefeitura de Santa Maria do Herval – RS.<sup>42</sup>

O fato de a batata ter esse valor cultural no cotidiano da gastronomia local faz com que o termo seja recorrente na toponímia da Região Colonial de Imigração Alemã (dos vales do Sinos, Caí, Taquari, Pardo, Pardinho e Jacuí). Além de *Batatenthal*, foram registrados os topônimos *Batatenberg* [port. “Morro das batatas”, um em Feliz - RS e outro em Santa Cruz do Sul - RS] e *Kartoffel-Eck* [“Rincão das batatas” ou “Canto das Batatas”, em Agudo-RS].

### Considerações finais

A toponímia de fala alemã no Brasil ainda é um campo pouco descrito, mesmo porque há certos percalços que o pesquisador se depara ao estudar esse patrimônio denominativo que dificultam a sua documentação. Cabe destacar que, embora boa parte dos topônimos não gozem de oficialidade, eles sobreviveram no domínio da oralidade. No vale do Caí, é o Hunsrückisch

<sup>42</sup> Fonte: <http://www.santamariadoherval.rs.gov.br>. Acesso em 04 de nov. 2018.

a variedade de língua de imigração alemã que constitui essas formas toponímicas. Isso exige do pesquisador a competência na língua de imigração e na língua padrão alemã (ale. *Hochdeutsch*) para lidar tanto com os dados orais, quanto os escritos.

Nesse estudo, foram apresentados e analisados 34 topônimos no referido espaço geográfico pertencente à RCIA. As designações toponímicas foram apresentadas em forma de verbetes, uma vez que pertencem a um *corpus* linguístico que tem como produto final um dicionário toponímico. O presente estudo serve como base para novas investigações sobre esse tipo de toponímia e como contribuição para o registro da história da língua alemã no Brasil

Recebido em 04/08/2023

Aceito em 08/09/2023

Publicado em 26/09/2023

### **Referências bibliográficas**

Altenhofen, C. V.; Morello, R. *et al.* (2018). *Hunsrückisch: inventário de uma língua do Brasil*. Florianópolis: Garapuvu.

Altenhofen, C. V. (2016). Standard und Substandard bei den Hunsrückern in Brasilien: Variation und Dachsprachenwechsel des Deutschen im Kontakt mit dem Portugiesischen. In: Lenz, A. N. (Hg.). *German Abroad: Perspektiven der Variationlinguistik, Sprachkontakt und Mehrsprachigkeitsforschung*. Göttingen, Vienna University Press, S.103-129.

Arendt, I. C.; Müller, T. L. (1999). *Toponímia: Nomes originais das localidades colonizadas por imigrantes alemães e descendentes*. In: Anais do III Seminário da Ass. Nacional de Pesquisadores da História das Comunidades Teuto-brasileiras. Lajeado/RS.

Bahlow, H. (1965). *Deutschlands Geographische Namenwelt: Etymologisches Lexikon der Fluß- und Ortsnamen alteuropäischer Herkunft*. Frankfurt am Main: Klostermann.

Barsewisch, J. (1905). Deutsche Ortsnamen in Rio Grande do Sul. In: *Deutsche Erde: Zeitschrift für Deutschkunde*, Band 04. S. 139-143.

Becker, I. I. B. (1976). O índio kaingáng e a colonização alemã. In: *Sep. de Anais do 2º Simpósio de História da Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul*, São Leopoldo - RS. p.45-71.

Bervian, B. A.; Kreutz, R. A. (2013). Bohnental: Picada Feijão. Kreutz, R. A. (orgs.) *Bom Jardim – Ivoti: no palco da historia*. Novo Hamburgo: Feevale.

Casteleiro, J. M. (Cord.). (2001). *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa; Editorial Verbo.

Cardoso, S. W. (2007). *São Leopoldo Antigo. A cidade brasileira de colonização alemã*. Porto Alegre: Est Edições.

Castiglioni, A. C. (2014). *Dicionário enciclopédico de topônimos do estado de Mato Grosso do Sul: uma proposta de modelo*. Tese de Doutorado, UNESP, São José do Rio Preto.

Corominas, J. (1954). *Diccionario Crítico Etimológico de la Lengua Castellana*. Berna: Editorial Francke.

Dauzat, A. (1951). *Dictionnaire Étymologique des Noms de Famille et Prénoms de France*. Paris: Librairie Larousse.

De Felice, E. (1986). *Dizionario dei nomi italiani: origine, etimologia, storia, diffusione e frequenza di oltre 18.000 nomi*. Arnoldo Mondadori Editore: Milano.

Diário da Encosta da Serra. Reportagem: Estrada do Restaurante Wolf será asfaltada no acesso ao Batatenthal. 30 jan. 2019. Disponível em: <https://odiario.net/noticias/geral/estrada-do-restaurant-wolf-sera-asfaltada-no-acesso-ao-batatenthal/> Acesso em 30 de ago. 2023.

Dick, M. V. de P. do A. (1990). *Toponímia e Antroponímia no Brasil: coletânea de estudos*. 2ª ed. São Paulo.

DICK, M. V. de P. do A. (1982). *Origens históricas da toponímia brasileira: os nomes transplantados*. In: *Rev. Inst. Est. Bras.* n.24. p. 75-96.

Dorion, H.; Poirier, J. *Lexique des Termes Utiles à L'Étude des Noms de Lieux*. Québec: Les Presses de L'Université Laval, 1975.

Drosdowski, G. (1968). *Duden Lexikon der Vornamen: Herkunft, Bedeutung und Gebrauch von mehr als 3000 Vornamen mit 75 Abbildungen*. Bibliographisches Institut Mannheim: Dudenverlag.

Engelmann, E. G. (Org.). (2004). *A saga dos alemães – do Hunsrück para Santa Maria do Mundo Novo*. – Igrejinha (RS): E. G. Engelmann.

Faria, O. de. (1914). *Diccionario geographico, histórico e estatístico do Estado do Rio Grande do Sul*. 2ª ed. Porto Alegre: Livraria Globo.

Fischer, J. W. (2005). Toponímia alemã no Rio Grande do Sul. In: Arendt, I. C.; Witt, M. A. (eds.), *História, cultura e memória: 180 anos de imigração alemã: Teutônia e Westfália/RS*, São Leopoldo: Oikos. [p. 166–181].

Fleck, L. (1994). *A história de Sapiranga*. Sapiranga: Editora Pallotti.

Flores, H. A. H.; Flores, M. (1996). *Picada Café*. Porto Alegre: Nova Dimensão.

Furtado, N. F. (1969). *Vocábulos indígenas na Geografia do Rio Grande do Sul*. PUCRS, Porto Alegre.

Frosi, V. M.; Faggion, C. M.; Dal Corno, G. O. M. (2008). Toponimi italiani in terra brasiliana. *Rivista italiana di Onomastica: RiOn*, ed. 14, 2 vol. Società Editrice Romana, Roma. p.403-419.

Gomes, A. M. B.; Assis, K. B. de; Copstein, R. (s.a). *A colonização alemã na área de Joaneta*. In: I Colóquio de Estudos Teuto-brasileiros. Porto Alegre: UFRGS, [s. a.]

Guérios, R. F. M. (1994). *Nomes e Sobrenomes - tudo o que você gostaria de saber e não lhe contaram: Dicionário Etimológico*. 4ª ed. São Paulo: VM Edições.

Grimm; J.; Grimm, W. (1852-1961). *Deutsches Wörterbuch von Jacob Grimm und Wilhelm Grimm / Neubearbeitung (A–F)*. 1852-1961. digitalisierte Fassung im Wörterbuchnetz des Trier

<<https://www.woerterbuchnetz.de/DWB2?lemid=B00021>>, abgerufen am 12.07.2023.

Grimm, T. (1891). *Heimatkunde des Staates Rio Grande do Sul*. Verlag von Stutze e Hermsdorf in Santa Cruz, Rio Grande do Sul.

Habel, J. M. (2017): Os nomes do Hunsrückisch: aspectos linguísticos e extralinguísticos da denominação de línguas de imigração. Fortaleza, Entrepalavras, v. 7, p.

314-330. Disponível em:

[http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/33180/1/2017\\_art\\_jhabel.pdf](http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/33180/1/2017_art_jhabel.pdf). Acesso em 04 de nov. 2018.

Hensel, R. (1867). Beiträge zur näheren Kenntniss der brasilianischen Provinz São Pedro do Rio Grande do Sul. In: *Zeitschrift der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin*. Berlin: Verlag von Dietrich Reimer.[S. 227 -376]

Hessel, L. F. (1959). *Os glossários de João Mendes da Silva: reunidos e comentados por Lothar F. Hessel*. Pôrto Alegre: Centro de estudos filológicos – Universidade do Rio Grande do Sul. Faculdade e Filosofia.

Jannasch, R. (1898). Die deutschen Kolonien in der Serra Geral des Staates São Pedro do Rio Grande do Sul. In: Jannasch (Hrsg.). *Rathschläge für Auswanderer nach Südbrasilien*. Berlin: Allgemeiner Verlags-Agentur. [S.71-88].

Kadletz, T. (1937). *Deutsche Ortsnamen in Brasilien*. Stuttgart: Enke, S.423.

Kautzmann, M. E. M. (org.). (1978). *Montenegro de ontem e de hoje*. São Leopoldo: Rotermond S.A.

Kluge, F. (1989). *Etymologisches Wörterbuch der deutschen Sprache*. Berlin -New York: Walter de Gruyter.

Koch, W. (1974). Gegenwärtiger Stand der deutschen Sprache im brasilianischen Gliedstaat Rio Grande do Sul. In: Engel, U.; Vogel, I. (Hrsg.) *Deutsch in der Begegnung mit anderen*

*Sprachen*. Beiträge zur Soziologie der Sprachen. Bearb. v. Heinz Kloss. Mannheim, Institut für deutsche Sprache; Tübingen, Narr, S. 79-117 (Institut für deutsche Sprache. Forschungsberichte; 20.)

Kohlheim, R.; Kohlheim, V. (2005). *Duden Familiennamen: Herkunft und Bedeutung*. Mannheim.

Kreutz, R. A. (orgs.). (2013). *Bom Jardim – Ivoti: no palco da historia*. Novo Hamburgo: Feevale.

Lacmann, W. (1906). *Ritte und Rasttage in Südbrasilien: Reisebilder und Studien aus dem Leben der deutschen Siedelungen*. Berlin: Verlag Dietrich Reimer.

Langhans, P. (1896). Verbreitung des Deuschtums in Süd-Amerika. In : Langhans,Paul. *Deutscher Kolonial-Atlas*. 30 Karten mit 300 Nebenkarten (30 Maps with 300 Insets) Gotha : Justus Perthes, 1896. Link: <https://rcin.org.pl/dlibra/doccontent?id=26950>. Acesso em 04 de nov. 2018.

Lara, L. F. (2006). *Curso de Lexicología*. México, D.F: El Colegio de México.

Lewandowski, T. (1982). *Diccionario de Lingüística*. Madrid: Ediciones Cátedra.

Lopes, N. (2006). *Novo Dicionário Banto do Brasil: contendo mais de 250 propostas etimológicas acolhidas pelo Dicionário Houaiss*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Pallas.

Machado, J. P. (1984). *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Confluência.

Mentrup, W. (1992). *Zur Reform der deutschen Rechtschreibung: historische Hintergrünge – Der aktuelle Vorschlag*. In: Terminologie et Traduction, n. 1. S.19-50.

Müller, A. L. (1999). *Dicionário Histórico e Geográfico da Região de Santa Cruz do Sul*. 1ª ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC.

Müller, J. (1948-1958). *Rheinisches Wörterbuch*. Band VII: R-Sch. Berlin und Bonn: Erika Klopp Verlag.

Navarro, E. de A. (2013). *Dicionário de tupi antigo: a indígena clássica do Brasil*. 1. Ed. São Paulo: Global.

Nübling, D. *et al.* (2012). *Namen: eine Einführung in die Onomastik*. Tübingen: Narr Francke Attempto Verlag.

Peralta, A. J. (1950). *El guarani en la geografía de America – diccionario de guaranismos*. Ediciones Tupã: Buenos Aires.

Petry, L. (1923). *O município de São Leopoldo*. São Leopoldo: Ed. Rotermond.

Pfeifer, W.; Braun, W. (1993). *Etymologisches Wörterbuch des Deutschen*. Berlin: Akademie Verlag.

Proença, T. I. M. (2014). *As marcas indígenas na região sócio-paisagística das terras baixas às margens do Rio Caí*. Dissertação de Mestrado – UFRGS, Porto Alegre.

Queirazza, G. G.; Marcato, C.; Pellegrini, G. B.; Sicardi, G. P.; Rossebastiano, A. (1997). *Dizionario di Toponomastica: storia e significato dei nomi geografici italiani*. 2 ed. Torino: Unione Tipografico-Editrice Torinese.

Rabuske, A. (1980). *Algo sobre a gênese dos nomes geográficos na região colonial alemã do Rio Grande do Sul*. In: Colóquio de Estudos Teuto-Brasileiros 3, 387–412. Porto Alegre: Editora UFRGS.

Rabuske, A. (1999). Os principais nomes geográficos da antiga freguesia de Dois Irmãos, RS e arredores. In: VIER, Antonio. *História de dois Irmãos – RS: Passado e presente*. Dois Irmãos-RS: Gráfica Sinodal.

*Revista Brochier maior a gente que faz*. (1995). Brochier-RS.

Rohlf, G. (1974). *Dizionario toponomastico e onomastico della Calabria: Prontuario filologico-geografico della Calabria*. Ravenna: Longo Editore.

Ruschel, D. M. S. (2017). *Alto Feliz e os Ecos de sua História*. Bom Princípio: Primeira Hora.

Sampaio, T. (1987). *O Tupi na Geografia Nacional*. 5ª ed. São Paulo: Editora Nacional, Brasília, DF: INL.

Schneider, J. T. (1991). *Dictionary of African Borrowings in Brazilian Portuguese*. Hamburg: Helmut Buske Verlag.

Schneider, B.; Scherer, C. M. (2019). *De Kappesberg a Salvador do Sul: histórias e memórias*. São Leopoldo: Oikos.

Tavares de Barros, F. H. (2019). *Topodinâmica del Hunsrückisch: Cartografía y ejemplos del proceso de cambio y manutención del léxico en contexto de migración*. Tesis de Doctorado – Universidad de Bremen. Disponible en: <http://elib.suub.uni-bremen.de/peid/D00107803.html>

Tavares de Barros, F. H., Löff Machado, L.; Prediger, A. Deutschsprachige Toponyme in Brasilien. Beschreibung eines Namenkorpus. In: Ebert, V., Mühlán-Meyer, T., Schulz, M. and Stolberg, D. *Koloniale und postkoloniale Mikrotoponyme: Forschungsperspektiven und interdisziplinäre Bezüge*. Berlin, Boston: De Gruyter, 2022, pp. 63-94. <https://doi.org/10.1515/9783110768770-004>

Thun, H.; Wilkin, R. (2018). A história que antecede a escrituralidade dos hunsriqueanos brasileiros: cartas do período napoleônico (1805-1813). In: Altenhofen, C. V.; Steffen, J.; Thun, H. *Cartas de imigrantes de fala alemã: pontes de papel dos hunsriqueanos no Brasil*. São Leopoldo: Oikos. p. 31-46.

Tibiriçá, L. C. (1985). *Dicionário de topônimos brasileiros de origem tupi: significação dos nomes geográficos de origem tupi*. São Paulo: Traço Editora.

Traill, E. L.; Viguera Ávila, A.; Baez Pinal, G. E. (2005). *Diccionario básico de lingüística*. México: Universidad Nacional Autónoma de México.

Weber, N. M.; Hansen, P. R. S. (2022). *Conhecendo Picada Café: cidade dos lírios*. Caxias do Sul, RS: São Miguel.

Weber, E.; Duarte, G. F.; Frank, M.; Hoff, R.; Zomer, S.; Bassani, E.; Junqueira, I. (1998).

*Estruturação de sistemas de informação ambiental em bacias hidrográficas: o caso da Bacia Hidrográfica do Rio Caí – RS*. In: Anais do GIS Brasil.

Weissheimer, E. (2010). *Os pioneiros da Picada Feliz*. Porto Alegre: [s. ed.].

Wolf, W. (1964). *Deutsche Einwanderer in São Leopoldo 1824-1937*. Neustadt an der Aisch: Verlag Degener & Co.

Von Mueller, F. (1905). *Diccionario de plantas úteis*. Porto: Edição da Gazeta das Aldeias.